A SAÍDA DE BENTO XVI DO VATICANO: UMA TELECERIMÓNIA NA ERA DE MEDIATIZAÇÃO

THE DEPARTURE OF BENEDICT XVI FROM THE VATICAN: A TELECEREMONY IN THE AGE OF MEDIATIZATION

Bernardino Dias Frutuoso[1]

Resumo: O acontecimento histórico da saída de Bento XVI do Vaticano em 2013, depois da renúncia ao papado, foi transmitido em directo pelo Centro Televisivo Vaticano. A "televisão do papa", que tem mediatizado a figura e o ministério pastoral dos sumos pontífices desde 1983, produziu e transmitiu em directo esse acontecimento cerimonial que teve como protagonista principal o chefe da Igreja Católica, guia espiritual de milhões de pessoas. Um evento mediático (Dayan e Katz, 1999) retransmitido nos ecrãs dos diferentes dispositivos tecnológicos actuais e que, na era da mediatização, outorgou visibilidade pública a um sumo pontífice com escasso carisma mediático.

1. Doutorando em Ciências da Comunicação da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (Portugal). Jornalista e mestre em Ciências da Religião. Actualmente, ocupa a direcção das revistas católicas portuguesas Além-Mar e Audácia. Correio electrónico: diasfrutuoso @yahoo.com.

Palavras-chave: Mediatização do catolicismo. Centro Televisivo Vaticano. Papa Bento XVI.

Abstract: The historical event of Benedict XVI leaving the Vatican in 2013, after renouncing the papacy, was broadcasted directly by the Vatican Television Centre. The "pope's television" which has broadcasted the popes' image and pastoral ministry since 1983, produced and transmitted directly this ceremonial event that had as main protagonist the Head of the Catholic Church, spiritual guide of millions of people. A media event (Dayan and Katz, 1999) retransmitted again and again on the screens of present different technological media centres, which, in this mediatisation era, gave a general public visibility to a pope who have very poor media charisma.

Keywords: Mediatization of Catholicism. Vatican Television Centre. Pope Benedict XVI.

1 Introdução

Joseph Ratzinger, o 266.º papa, foi o cardeal escolhido no Conclave de 2005 para suceder a João Paulo II, um papa estrela dos *media*, que esteve no pontificado durante vinte e seis anos. Bento XVI, homem introspectivo, académico e teólogo, foi eleito quando era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Considerado dogmático e pouco dialogante foi, por isso, apelidado de "rottweiler" de Deus e "grande inquisidor". Desde os inícios do ano 2012 os *media* começaram a difundir documentos secretos – conhecidos como *Vatileaks* – que davam conta de casos de corrupção, lavagem de dinheiro, pedofilia.

No dia 11 de Fevereiro de 2013, Bento XVI anuncia, para surpresa de todos, durante um consistório, a renúncia ao cargo. E explica as causas aos bispos: "Examinando repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino" (Bento XVI, 2013). Comunica que no dia 28 desse mês, às 20h00, a Sé de Roma fica vacante e que se convo-

cará um conclave para eleger o novo sumo pontífice. Aos 85 anos, Joseph Ratzinger tomou uma decisão histórica ao renunciar ao cargo de bispo de Roma. Mesmo não havendo antecedentes na História moderna e contemporânea – o último papa a renunciar fora Gregório XII em 1406 –, a possibilidade jurídica da renúncia está estabelecida no Código de Direito Canónico (Cânone 332, § 2).

Este evento excepcional da saída de Bento XVI do Vaticano no dia 28 de Fevereiro de 2013 foi produzido e difundido de maneira global pelo Centro Televisivo do Vaticano (CTV), *medium* institucional da Santa Sé. A chamada "televisão do papa" foi fundada em 1983, no pontificado de João Paulo II, e tem como objectivo principal "contribuir para o anúncio universal do Evangelho, documentando com imagens televisivas o ministério pastoral do sumo pontífice e a actividade da Sé Apostólica" (Estatuto, 1 de Julho 1988).

Este acontecimento singular despertou em nós – atentos à crescente convergência entre a religião e os *media* (Hoover, 2014) e ao processo de mediatização da sociedade e da cultura (Krotz, 2007; Hepp, 2014; Hjarvard, 2014; Lundby, 2014; Bolin, 2014; Figueiras, 2016) que envolve também as instituições religiosas, nomeadamente a Igreja Católica –, o desejo de perceber o processo de re(a)presentação e visibilidade público-mediática realizado pela Santa Sé com a transmissão televisiva deste ritual religioso.

O evento teve uma cobertura mediática global e, a nosso ver, e tal como este trabalho pretende demonstrar, tem os requisitos para ser considerado um acontecimento mediático, ou telecerimónia, tal como foi caracterizado na década de 1990 por Daniel Dayan e Elihu Katz (1999); concomitantemente, permite perceber, de maneira exemplar, o processo de interacção e adequação à lógica mediática que está presente na comunicação institucional da Santa Sé que, ao longo dos últimas décadas, tem favorecido e promovido a mediatização e a consequente visibilidade público-mediática das suas figuras mais destacadas, os papas.

Os acontecimentos mediáticos, segundo postulam Dayan e Katz (1999, p. 17), são "momentos históricos televisionados em directo que fazem parar a nação ou o mun-

do". Consideramos que na era da comunicação global, no ambiente digital actual de intenso fluxo comunicativo e de múltiplas plataformas, os acontecimentos mediáticos continuam a ser "dias de festa para os *media*" (Dayan e Katz, 1999, p. 1) e podem ser percebidos como formas privilegiadas de mediatização. Sem pretender aprofundar as abordagens críticas e reformulações ao conceito dos *media events* (Couldry, Hepp e Krotz, 2010; Mitu e Poulakidakos, 2016), pois esse não é o propósito deste trabalho, podemos identificar alguns dos seus elementos característicos, como foram originalmente tipificados por Dayan e Katz (1999), que ainda mantêm a sua vigência e pertinência ao pretender, como é o nosso caso, analisar e perceber o significado dos acontecimentos mediáticos na sociedade mediatizada. Essas dimensões são: a transmissão em directo e sem interrupções nos *media* e que, no caso concreto da televisão, provocam a suspensão da programação regular; a *performance* do evento, pré-planeado, agendado no tempo e proposto pelos organizadores, que se conformam como actores activos na construção da realidade e na sua auto-representação; intervenientes de elite; experiência partilhada e elevadas audiências; jornalistas como mestres-de-cerimónias (pontuação das imagens).

Com base neste enquadramento, desde os pressupostos da teoria da mediatização, sugiram-nos as perguntas, que estão na origem desta reflexão e orientam o trabalho empírico: a cobertura televisiva da saída do Papa Bento XVI do Vaticano enquadra-se na categoria dos acontecimentos mediáticos? Porque transmitiu a Santa Sé este acontecimento da saída de Bento XVI do Vaticano? Que imagem de Bento XVI foi re(a)presentada nesta emissão televisiva?

Para responder as estas questões, o presente artigo começa por apresentar o conceito teórico orientador deste trabalho. Começamos, assim, por debater a mediatização para nos focarmos, de seguida, na mediatização da religião. Após explicação da metodologia e da apresentação dos resultados da análise, procuramos interpretá-los à luz do nosso enquadramento teórico na secção final deste texto.

2 O conceito de mediatização e a mediatização da religião

Na sociedade contemporânea, afirma Mark Deuze (2012), vivemos nos *media* e já não apenas com os *media*, eles são para nós como a água é para os peixes. Os *media* tornaram-se indistintos, ubíquos e invisíveis, estão presentes e integram-se em todas as esferas da vida social. Esta aceleração da presença e da importância da comunicação e dos *media* na vida quotidiana tem implicado mudanças significativas na sociedade em geral, e na religião em particular. Neste contexto, a mediatização tem-se afiançado como uma nova perspectiva teórica que procura perceber a centralidade e ubiquidade cada vez mais crescente dos *media* na sociedade e na cultura e as transformações estruturais de longo prazo que os meios de comunicação proporcionam.

A noção de mediatização – como se pode depreender em elementos comuns a diversos investigadores, entre os quais Friedrich Krotz (2007), Stig Hjarvard (2014), Andreas Hepp (2014) e Knut Lundby (2014) – pode ser compreendida, precisamente, como o metaprocesso complexo, cumulativo e multimodal de articulação dos *media* nos processos sociais, com as consequentes e crescentes "mudanças nas práticas, culturas e instituições nas diferentes sociedades" (Lundby, 2014, p. 26). De um prisma que não se centra nos *media*, a mediatização pode ser conceptualizada para analisar a inter-relação "entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro" (Hepp, 2014, p. 51).

A conceptualização da mediatização não se tem desenvolvido de maneira unívoca. Nos últimos anos, têm surgido múltiplas linhas de pesquisa, que expressam a diversidade hermenêutica nas apropriações e operacionalizações epistemológicas, nomeadamente a "perspectiva institucional" (Hjarvard, 2014; Bolin, 2014). Nesta perspectiva, a mediatização aponta para um desenvolvimento bilateral dos *media* que corresponde a um processo social, no qual estes adquirem o estatuto de instituição social e, simultaneamente, vão conta-

minado, as outras instituições sociais. Esta abordagem institucional da mediatização desenvolve-se a partir do conceito da "lógica dos *media*" (Altheide e Snow, 1979). Nas palavras de Hjarvard (2016, p. 96), a lógica mediática pode-se entender como "a constelação de regras e recursos institucionais, estéticas e tecnológicas". Nesta óptica, as instituições e actores sociais adequam-se à lógica mediática, em diferentes graus e modalidades, porque perceberam que esse ajustamento é o caminho para interpretar o mundo e agir sobre ele, impulsionando assim uma relevância crescente aos *media* nas sociedades ocidentais (Altheide e Snow, 1979). Esta nova configuração socio-mediática exige que as instituições – incluindo as religiosas – assumam práticas e estratégicas que incluam protocolos, linguagens e lógicas dos *media*.

Como bem frisa Hoover (2014, p. 51), no Ocidente a religião sempre foi mediada, mas, cada vez mais, "as mídias não apenas cobrem ou transmitem religião ou ideias religiosas; na verdade, elas ajudam a dar forma à religião contemporânea". Na mesma linha, Martín-Barbero (1995) refere que as instituições e actores religiosos não se limitam a usar os meios de comunicação para transmitir as suas predicações ou para aumentar as audiências, mas convertem-se aos meios radiofónicos e televisivos e utilizam-nos como elementos fundamentais para a mediação das experiências religiosas.

No entanto, a mediação das mensagens religiosas não significa de *per si* que se verifique o fenómeno da mediatização da religião. O processo de mediatização implica uma alteração do modo de interactuar entre a instituição religiosa e os *media,* ocasiona uma transformação multidimensional da religião, "influenciando os seus textos, práticas, relações institucionais" (Hjarvard, 2014, p. 137). Como frisa Martino (2015), o sintoma mais nítido da mediatização consiste na "adequação institucional às lógicas de produção midiática, bem como dos fiéis e de suas práticas, ao ambiente midiático" (Martino, 2015, p. 12).

Stig Hjarvard (2014) percebe a mediatização da religião como parte de um processo complexo em que os *media* – como instituição e como ambiente – e como não exercem um impacto uniforme e podem favorecer tanto a ressacra-

lização como a secularização da sociedade na modernidade tardia, época em que os meios de comunicação, como ambientes culturais, assumem parte das funções sociais anteriormente desempenhadas pelas instituições religiosas. Explicita Hjarvard:

> Rituais, cultos, lamentações e celebrações, actividades sociais que costumavam fazer parte da religião institucionalizada, agora são assumidas parcialmente pelos meios de comunicação e transformadas em actividades mais ou menos seculares a serviço de outras finalidades que não aquelas das instituições religiosas (Hjarvard, 2014, p. 13).

Hjarvard (2014) considera que os *media* provocam, igualmente, uma série de mudanças nas estruturas institucionais, nos conteúdos simbólicos e nas práticas individuais e sociais:

> Pelo processo de mediatização, os meios de comunicação influenciam e transformam diversos elementos da religião, incluindo a sua autoridade como instituição, o conteúdo simbólico de suas narrativas, bem como a fé e as práticas religiosas (Hjarvard, 2014, p. 132).

Se bem que, como anota Hjarvard (2014, p. 133-134), uma teoria que se proponha explicar a interacção entre a religião e os *media* deverá considerar os contextos socioculturais – o fenómeno da mediatização da religião não constitui um fenómeno histórica, cultural ou geograficamente universal, pode assumir diferentes formas e produzir diferentes resultados – podemos entender, de maneira geral, a mediatização da religião como o processo complexo de articulação das características e *modus operandi* dos *media* – gramática, linguagem, códigos, limites e possibilidades de construção de mensagens – nas práticas, formações e instituições religiosas.

Atenta a esta nova ecologia mediática, a Santa Sé tem compreendido a importância dos *media* como agentes de mudança nas sociedades e nas culturas. Os *media* tornam-se, para a instituição, fonte de informação e de experiência religiosa ao difundirem cerimónias, práticas e discursos católicos. Nesse sentido, tem apostado na fundação de meios de comunicação institucionais, nomeadamente o Centro Televisivo Vaticano, instituído em 22 de Outubro de 1983. Esses órgãos de comunicação institucionais são essenciais, entre outras funções, para a transmissão de eventos públicos que envolvem os papas e o seu ministério pastoral, proporcionam orientação ético-moral, permitem unir a comunidade de fiéis globalmente, ritualiza as transições institucionais – nomeadamente a eleição dos papas e, como no caso em estudo, a saída de Bento XVI do Vaticano depois da histórica renúncia. Nesta óptica, a Igreja Católica mediatiza a sua mensagem e a figura das suas personagens preeminentes e, assim, os "mídia, as suas lógicas e processos acabam afectando os modos pelos quais o campo religioso se estrutura para atingir os seus públicos" (Borelli, 2010, p. 10).

Efectivamente, o CTV tem favorecido a proclamação da mensagem evangélica *urbi et orbe* ao procurar "mostrar", por meio da representação da imagem e/ou som, as actividades dos papas. Este *medium* institucional foi o responsável pela transmissão de grandes acontecimentos que tiveram como protagonistas os sumos pontífices, uma extensa cobertura que inclui as viagens de João Paulo II, as celebrações no Vaticano e mesmo as cerimónias exequiais do papa polaco em 2005. O CTV foi, igualmente, o *medium* responsável pela realização e difusão do acontecimento mediático que nos propomos analisar: o rito de despedida e saída de Bento XVI do Vaticano.

3 Metodologia

A saída de Bento XVI do Vaticano era um evento de carácter eminentemente católico, que poderia ter um desenvolvimento privado-institucional, mas que se organiza e di-

funde como um acontecimento global. O CTV, a "televisão do papa", produz uma telecerimónia única, adequada à lógica televisiva em que se consideram as regras, a estética, os ritmos, os formatos e as diferentes estratégias enunciativas desse *medium*. A nossa análise empírica procura, seguindo a tipologia proposta por Dayan e Katz (1999), demonstrar que a cerimónia citada se configura como um acontecimento mediático e, por tanto, exemplifica a adaptação da Santa Sé à lógica dos *media* e o envolvimento da instituição no actual processo de mediatização da sociedade e da cultura.

Optamos por uma abordagem qualitativa, recorrendo a uma metodologia crítica da imagem visual, segundo propõe Gillian Rose (2002) e complementada com elementos próprios da Semiótica. Esta é uma tarefa complexa na área das Ciências da Comunicação que requere um diálogo multidisciplinar – especialmente com a Sociologia das Religiões e as Ciências da Religião. Procuramos, deste modo, compreender o sentido mais profundo desta telecerimónia, pois os acontecimentos mediáticos "não podem ser entendidos a partir de uma base cognitivista, mas exigem uma perspectiva cultural" (Alexander e Jacobs, 1988, p. 28).

Na cultura visual, afirma Rose (2002, p. 6), "these images are never transparent windows on to the world. They interpret the world; they display it in very particular ways". Nessa óptica, Rose (2002, p. 17-28) afirma que há lugares e modalidades que é necessário considerar para interpretar e compreender criticamente as imagens visuais. Os três lugares são: a produção, a própria imagem e a audiência. As modalidades, que se interceptam com os lugares, concernem à tecnologia utilizada na produção da imagem, a composição da imagem e as condições sociais.

As imagens que iremos analisar são produzidas para o *medium* televisão e, nesse sentido, procuramos entender a dinâmica particular desse meio e dos seus "códigos semióticos" (Fiske e Hartley, 2004). Recorremos aos pressupostos da semiótica, com o seu sistema de signos e códigos, o sentido denotativo e conotativo, os significados e os significantes característicos da linguagem e dos conteúdos das narrativas televisivas. Assim, procuramos identificar e interpretar os có-

digos de construção e os códigos técnicos utilizados na produção da imagem cinematográfica e televisiva (Berger, 2014, p. 32-33): o uso dos ângulos da câmara (ângulo normal, picado, contrapicado); a escala dos planos (plano de pormenor, primeiríssimo plano, plano próximo, plano médio, plano americano, plano de conjunto, plano geral); os movimentos da câmara (panorâmica, *zoom*, *tracking*).

O *corpus* para a análise empírica é constituído pelo texto televisivo produzido pelo CTV – que disponibiliza as imagens e o *natural sound* – mas recorremos à transmissão feita pela estação católica EWTN com comentários em inglês, disponibilizada na Internet, e que ilustra a transmissão feita pelos canais de televisão um pouco por todo o mundo[2].

3.1 Análise visual-semiótica da telecerimónia

A cobertura televisiva começa com imagens aéreas, captadas do helicóptero do CTV, que situam o espectador no lugar dos acontecimentos históricos que se vão contar: Roma, Vaticano, Praça de São Pedro, Basílica de São Pedro, pátio de São Dâmaso. Essas imagens, com planos gerais e abertos, alternam-se com as que apresentam o pátio de São Dâmaso no Palácio Apostólico do Vaticano, onde se vê uma patrulha da Guarda Suíça Pontifícia – os guardas estão vestidos a rigor com o histórico uniforme feito por Miguel Ângelo – um grupo de funcionários, bispos, sacerdotes e religiosos. Como é próprio dos cerimoniais mediáticos, esta foi uma transmissão em directo, que implicou uma grande logística. O CTV usou quatro régies simultâneas e 19 câmaras (uma delas a bordo de um helicóptero alugado) e participaram na produção 40 pessoas[3].

Recorrendo a um *close-up* do relógio do pátio de São Dâmaso, que indica as 16h35, hora de Roma. Enquadra-se o acontecimento no espaço e no tempo e ressalta que se está a transmitir em tempo real e frisa-se, assim, a importân-

2. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NvtBYIXc7YY.

3. Estes dados foram recolhidos no trabalho de campo que realizámos no CTV, no mês de Julho de 2013, e que incluiu visita aos estúdios e entrevistas.

cia do acontecimento difundido em directo, uma das características-chave de qualquer evento mediático. A transmissão das telecerimónias imita a lentidão e a repetição próprias do tempo ritual. Por isso, do helicóptero do CTV, apresentam-se de novo imagens aéreas de Roma: Vaticano, Castelo de Sant'Angelo, rio Tibre, Via della Conciliazione, Praça de São Pedro, Basílica de São Pedro. Enquadra-se em plano geral o pátio de São Dâmaso com a cruz de Cristo no centro, em primeiro plano, recordando a primazia do pastoreio de Cristo sobre a Igreja (único e eterno pastor) e a sua presença constante na história da instituição. Comunica-se, alegoricamente, que os papas mudam, mas Cristo e a Igreja fundada sobre Ele permanecem.

Aos 25 minutos da transmissão, aparece em cena Bento XVI, o protagonista principal do acontecimento. Todas as narrativas requerem uma personagem/herói que centre e concentre a história que se vai contar, focalizando a atenção dos telespectadores. Neste caso, como recordou o director do CTV, Edoardo Viganò, o que se visava na transmissão era "fazer falar o rosto e a imagem do papa", porque "paradoxalmente, precisamente depois da sua renúncia e de deixar o seu ministério, entrou de maneira indelével no coração das pessoas" (Rádio Vaticano, 01.03.2013). Nos acontecimentos mediáticos os protagonistas são sempre personalidades de elevado estatuto e poder simbólico e/ou real na sociedade, como se confirma nesta cerimónia que tem Bento XVI como protagonista. O papa é apresentado na intimidade, o que aumenta o dramatismo e a emoção da narração, a sair dos seus aposentos no palácio apostólico, lugar onde viveu nos últimos oito anos, junto dos seus colaboradores principais. Na padieira da porta está gravada a frase (em latim): *Benedictus XVI*. Esperam-no à porta alguns clérigos. Atrás do papa, sai o seu secretário pessoal, Georg Gänswein, claramente comovido. Pouco depois Bento XVI recebe a bengala do secretário e caminha com passos vacilantes, mostrando a fragilidade da sua saúde (o motivo principal apontado para a renúncia); induz-se o telespectador a compreender o peso das responsabilidades e problemas que carrega como chefe da Igreja.

Ao chegar ao pátio, o realizador apresenta uma imagem do papa de frente: esboça um sorriso e saúda os presentes, um grupo de uma dúzia de clérigos presididos pelo secretário de Estado, o cardeal Tarcisio Bertone. A pequena multidão que espera o papa está no outro extremo do pátio. Acolhe-o com aplausos. Depois, cada um dos presentes aproxima-se do papa, com grande reverência, de cabeça descoberta, em sinal de respeito e obediência, ajoelha-se ou inclina-se em frente do papa e beija o anel de Pedro, símbolo da investidura e poder pontifício. A câmara colocada atrás do papa, em ângulo picado, expressa o poder e a superioridade do papa. Terminados os cumprimentos, Bento XVI encaminha-se para o carro. Os sinos começam a repicar anunciando a saída do papa. O espectador acompanha o percurso da comitiva papal nos jardins do Vaticano com os planos aéreos que mostram ao mundo a beleza do lugar.

No heliporto o papa é recebido pelo cardeal Angelo Sodano, homem forte de João Paulo II e ex-secretário de Estado, decano do Colégio de Cardeais e que não estava presente no pátio de São Dâmaso (são conhecidas as suas divergências com o cardeal Bertone, que o substituiu em 2006 no cargo). Esta cena pode propiciar interpretações díspares. Na nossa opinião, quer realçar o gesto de reconciliação do cardeal Sodano com o papa resignatário, que o tinha substituído. Destaca-se, assim, outra característica dos acontecimentos cerimoniais: "mesmo quando tratam de conflitos, celebram a reconciliação", constituindo-se, assim, como "esforços cerimoniais para remediar o conflito ou para restaurar a ordem, ou, mais raramente, para estabelecer a mudança" (Dayan e Katz, 1999, p. 23).

Depois das saudações, Bento XVI acena às pessoas que nos telhados das casas vizinhas o acompanham. Sorri – o realizador usa um plano próximo –, cumprimenta com os braços abertos e entra no helicóptero. As hélices do helicóptero começam a girar. Os espectadores vêem e ouvem os sinos que tocam e faz-se um *close-up* do relógio em São Dâmaso, que marca as 17h05. Recorda-se, novamente, que se trata de uma transmissão em directo.

O helicóptero descola e o realizador apresenta uma imagem que se centra, com um plano próximo, no mecanismo hidráulico das rodas do aparelho que se levanta lentamente; segue-se um plano próximo, em contrapicado, mostrando o veículo que descola e se eleva da terra. Uma subida que, metaforicamente, remete para o corte do "cordão umbilical", o princípio do "não regresso", a separação definitiva da antiga vida e o começo de outra etapa. Posteriormente, Bento XVI pode regressar ao Vaticano, mas já não será mais o papa, antes "um peregrino", como ele dirá, que serve a Igreja de uma maneira diferente.

Começa a viagem. O helicóptero da Força Aérea Italiana leva o papa sobre os telhados da Cidade Eterna, seguido pelas câmaras colocadas no helicóptero do CTV. Dá duas voltas à cúpula de São Pedro – seguindo o guião – cruza o rio Tibre, voa sobre o Fórum Romano, o Coliseu e a Basílica de São João de Latrão… Sobrevoa muito baixo os edifícios de Roma projectando sobre eles uma ténue sombra. A tarde está soalheira e o céu azul, propício para uma homenagem ao cineasta Federico Fellini, como tinha programado o director do CTV (*Famiglia Cristiana*, 2013). Pretendia-se recordar o filme *La dolce vitta*, que começa, precisamente, com a cena de um helicóptero que está a transportar uma estátua de Jesus para o Vaticano e projecta uma sombra nas paredes dos edifícios, como a bendizer as pessoas que aí habitavam. Por analogia, queria-se expressar que o papa quando estava a sobrevoar os céus da Cidade Eterna, abençoava os seus habitantes e todos os peregrinos presentes na Praça de São Pedro e em Roma. Identificam-se nestas cenas – exaustivamente ensaiadas para que nada falhasse na hora da transmissão – outras características dos eventos mediáticos: são "pré-planeados, anunciados e publicitados com antecedência", dão tempo aos que "os transmitem e à audiência para imaginarem e se prepararem" (Dayan e Katz, 1999, p. 22) e são construídos de acordo com um guião.

A transmissão continua com a viagem até Castel Gandolfo. Dura poucos minutos. O helicóptero aterra, numa cena em que se recorre a um contrapicado, no meio das árvores e tendo como fundo o céu azul-avermelhado de fim de

tarde. O realizador mostra Bento XVI num plano próximo, a sair do helicóptero. Realizam-se as saudações de boas-vindas; aprecia-se num *close-up* o papa, que está a sorrir serenamente, enquanto os *flashes* das câmaras dos fotógrafos acendem repetidamente. Começa o percurso até à residência, que o telespectador pode acompanhar por meio de planos aéreos. Ouvem-se os sinos que anunciam a chegada de Bento XVI. O público que assiste pela televisão é convidado a juntar-se às pessoas que se congregam na praça e aos *media* na construção da história (Dayan e Katz, 1999), como é característico dos acontecimentos mediáticos. Apresentam-se grandes planos dos rostos de crianças e adultos com as bandeiras do Vaticano na mão; altera-se para imagens de pequenos grupos no meio da multidão, que na representação televisiva querem significar o conjunto dos católicos (Torres, 2013).

Situa-se o acontecimento geograficamente, recorrendo a um plano geral aéreo de Castel Gandolfo e um pormenor da bandeira do Vaticano na torre. O grande plano do relógio, que marca as 17h35, frisa de novo que a transmissão é em directo. Outro plano apresenta a varanda do castelo vazia, com a janela aberta, aguardando o papa. Para expressar a continuidade do acontecimento, do helicóptero continuam a oferecer-se planos aéreos gerais da região, do castelo e da multidão reunida que enche a praça e espera.

Pouco depois o papa reaparece em cena. É "recebido" pelas câmaras de televisão no interior da residência; Bento XVI caminha sozinho, sem ajuda de ninguém, expressa-se assim a autonomia e a solidão da sua decisão; dá com determinação os passos que o separam da varanda onde discursará pela última vez como papa (a aparição dura 3'24''). Bento XVI fala durante 1'27" (1,54% do tempo total da transmissão). Como emissões de natureza altamente simbólicas, os eventos mediáticos são eminentemente visuais, pois como sublinham Dayan e Katz (1999), as imagens dizem mais que as palavras. O papa do *logos* apresenta-se como um simples peregrino que se despede do seu povo. Bento XVI sai ao balcão, abre os braços, são gestos lentos, pouco efusivos, mas querendo abraçar todos em simultâneo. O espectador, num

plano geral, une-se à multidão que aclama com bandeiras, grita, salta de emoção. O sumo pontífice agradece, comovido: "Obrigado, obrigado do coração." Um plano geral aproxima o espectador do papa na varanda; usa-se um ângulo em contrapicado – que realça a imagem de poder – alternado a um primeiro plano, que expressa a relação de proximidade entre a personagem principal e os espectadores. Bento XVI abre os braços e esboça um sorriso – sincero, emotivo, mas sempre pouco natural – e continua a agradecer à multidão; intercala-se com um plano em grande angular da multidão enquadrada do alto do balcão, que permite ao espectador ver a praça com a mesma perspectiva do papa.

Bento XVI sorri e inicia o discurso: "Queridos amigos, estou feliz por estar convosco, rodeado pela beleza da criação e da vossa simpatia, que me faz muito bem. Obrigado pela vossa amizade e afecto." Os aplausos interrompem o papa. Destacam-se, com planos médios, pequenos grupos na multidão, que aclamam e acenam com as bandeiras de diferentes países na mão, manifestando, simultaneamente, a presença das Igreja locais e a universalidade do catolicismo. O papa continua: "Como sabem, este dia é diferente dos anteriores. Só serei o sumo pontífice da Igreja Católica [o realizador usa um plano médio de frente do papa, acentuando a proximidade e a emoção do momento] até às 20h00. Depois não serei mais papa, mas um simples peregrino que inicia a última etapa da sua peregrinação nesta terra." Novamente aplausos e gritos a que se une o espectador apresentando-lhe a mesma sequência de planos anterior: pequenos grupos na multidão, *zoom out* que enquadra as pessoas. E continua Bento XVI [plano médio]: "Quero ainda com o meu coração, com o meu amor, com a minha oração, com a minha reflexão, com todas as minhas forças interiores, trabalhar para o bem comum, para o bem da Igreja e da humanidade. Sinto-me muito feliz com a vossa simpatia. Continuemos o nosso caminho com o Senhor, juntos para o bem da Igreja e do mundo. Obrigado." Ouve-se uma grande ovação. Começam os gritos de "Viva o papa" (o espectador percebe a emoção da multidão com movimentos panorâmicos, recurso ao *zoom in* e *zoom out*). E termina a alocução papal: "Agora, com todo

o meu coração, dou-vos a minha bênção [pronuncia-a em latim]. Obrigado, boa noite. Obrigado a todos" (panorama da multidão que grita emocionada).

Bento XVI retira-se da varanda em passos lentos. Com um plano geral, em contrapicado, da varanda, o espectador acompanha o papa enquanto sai e o balcão fica vazio; um símbolo que expressa, com eloquência, o adeus ao papa e o início da sede vacante, que começará dentro de pouco tempo, às 20h00 de Roma.

Seguem-se planos próximos e médios das pessoas que permanecem na praça, rostos comovidos e felizes dos presentes, que usam os telemóveis e os *tablets* para registar este momento de despedida de Bento XVI. Expressa-se a passionalidade do acontecimento, a tristeza e a alegria, o temor e a esperança. Na fachada de um edifício, com letras grandes brilhantes feitas com balões, lêem-se as palavras que os católicos partilham: "Obrigado, Bento, estamos todos contigo." As telecerimónias, asseveram Dayan e Katz (1999, p. 34), são momentos de comunhão, de apoio da opinião pública. Recorre-se a um plano próximo para evidenciar uma religiosa no meio da multidão, que olha para o céu. Uma imagem que evoca, à maneira de analogia, a cena da Ascensão de Cristo narrada no Novo Testamento (cf. Lucas 24, 50-53; Marcos 16,19; Actos 1, 9-11) e representada na iconografia tradicional, nomeadamente nas pinturas de Rembrandt ou Pietro Perugino e que simboliza o término da missão salvífica de Jesus na História da humanidade. A renúncia de Bento XVI tem o mesmo significado: termina o seu ministério como papa e começa uma nova etapa na vida, afastado da praça pública.

A transmissão termina com a imagem do pôr-do-sol nas montanhas da região de Castel Gandolfo. Termina o dia. Diz-se adeus a Bento XVI, que termina o papado com esse "rito de passagem" (Dayan e Katz, 1999) mediatizado e expresso no guião da coroação teorizado por Katz e Dayan. É o ocaso de um ciclo na vida da Igreja Católica, mas a esperança no futuro da instituição persiste. Como o Sol que se esconde voltará a brilhar no dia seguinte, também na Igreja brilhará a luz de um novo início. Jesus Cristo, o "Sol que nas-

ce do Alto" (Lucas 1, 78), guia a Igreja. Amanhecerá e um novo papa será escolhido para dirigir os destinos da Igreja. O ritual televisionado reafirmou a continuidade social e cultural e, simultaneamente, expressou a manutenção da tradição apostólica e dos valores católicos.

4 Conclusão

O acontecimento televisionado em directo da saída de Bento XVI do Vaticano expressa bem a nova convergência dos *media* e o catolicismo e exemplifica o processo de mediatização que envolve a Santa Sé e os papas, líderes espirituais dessa instituição religiosa secular com milhões de seguidores. Neste processo de mediatização, pelo poder da televisão e da hipertelevisão (Scolari, 2006) – os múltiplos ecrãs dos dispositivos electrónicos actuais nos quais se disponibilizou o conteúdo – emergiu um acontecimento mediático (Dayan e Katz, 1999), que concatenou em simultâneo milhões de pessoas, crentes e não crentes, unidas por uma experiência técnico-electrónica globalizada, que lhes garantiu um acesso igualitário e uma memória comum (Dayan e Katz, 1999).

O pontificado de Bento XVI foi menos mediático que o do seu predecessor, João Paulo II, porém "o papa do *logos* despediu-se com uma extraordinária página cinematográfica" (Grosso, 2013), que o colocou no centro dos *media* globais, permitiu a (re)produção de um imaginário sobre uma figura importante do panorama religioso mundial e, assim, reelaborar para a posteridade e memória futura a percepção da imagem de Bento XVI de modo distinto. Esta telecerimónia re(a)presentou o "papa-instituição" como "homem-papa" na intimidade, uma personagem/herói próxima dos telespectadores. De vários enquadramentos e ângulos, os telespectadores aproximaram-se do papa e conheceram *in loco* o apartamento apostólico, os jardins do Vaticano, a residência de Castel Gandolfo; a cada espectador se deu a possibilidade de acompanhar o sumo pontífice na sua viagem de helicóptero sobrevoando a cidade de Roma e aterrando em Castel Gandolfo. A transmissão do CTV conseguiu, assim, fixar na

memória da audiência-comunidade a imagem de um papa sereno, um homem carismático que deixa o cargo de maneira autónoma e responsável, por razões de idade e saúde frágil, convencido de que a sua decisão histórica é a melhor para a Igreja Católica.

A Santa Sé, uma instituição reconhecida e respeitada na sociedade, resolveu que este evento inédito e excepcional, que por natureza era eminentemente religioso e podia ter carácter reservado, fosse programado, gerido e construído como um acontecimento mediático. Essa decisão implicou, obviamente, uma interacção/adequação entre a lógica institucional e a lógica mediática e envolveu a instituição religiosa num processo complexo que podemos designar como automediatização. Assim, com este evento a Santa Sé re(a)presentou o papa e o seu ministério nos *media* e, consequentemente, ganhou visibilidade na praça pública. Concomitantemente, ao ser um acontecimento produzido *ad intra* por um meio televisivo institucional, manifesta a possibilidade que a instituição tem de se auto-representar e gerir/controlar a agenda mediática e, por conseguinte, a sua visibilidade público-mediática.

Com esta narrativa televisiva em directo, a Santa Sé também procurou mostrar um papa e uma Igreja Católica de portas abertas e casa de todos, com capacidade de diálogo com o mundo e com a sociedade actual. Sinal de uma "Primavera eclesial" que a práxis comunicacional e ministerial do Papa Francisco, o sucessor de Bento XVI, afiançou desde os primeiros instantes do pontificado.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J.; JACOBS, R. Mass communication, ritual and civil society. *In:* T. LIEBES; J. CURRAN (eds). *Media Ritual and Identity*. London and New York: Routledge, 1998, p. 23-41.

ALTHEIDE, D.; SNOW, R. *Media Logic*. Beverly Hills, CA: Sage, 1979.

BENTO XVI. *Declaratio*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.html. Acesso em 1 de Novembro de 2016.

BERGER, A. *Media analysis techniques*. California: Sage, 2014.

BOLIN, G. Institution, Technology, World: Relationships Between the Media, Culture and Society. In LUNDBY, Knut (ed.). *Mediatization of Communication*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014, p. 175-197.

BORELLI, V. *Mídia e Religião: entre o mundo da fé e o do fiel*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

COULDRY, N. *et al.* (eds.). *Media Events in a Global Age*. London/New York: Routledge, 2010.

DEUZE, M. *Media Life*. Cambridge: Polity Press, 2012.

DAYAN, D; KATZ, E. *A História em Directo: os acontecimentos mediáticos na televisão.* Coimbra: Minerva, 1999.

FAMIGLIA CRISTIANA. *In volo su Roma, oggi e 53 anni fa*. Disponível em: http://www.famigliacristiana.it/articolo/in-volo-su-roma-oggi-e-53-anni-fa-.aspx. Acesso em 20 de Outubro de 2016.

FIGUEIRAS, R. *Mediatização da politica*. Lisboa (no prelo), 2016.

FISKE, J.; HARTLEY, J. *Reading Television*. Londres e Nova Iorque: Taylor & Francis, Routledge, 2004.

GRASSO, A. Il congedo del Papa, una pagina di cinema. In Corriere della Sera, 2 de Março 2013. Disponível em: http://www.corriere.it/spettacoli/13_marzo_02/congedo-del-papa_281d4a2c-82fb-11e2-839d-17a05d1096bb.shtml. Acesso em 23 de Outubro de 2016.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da "mediação de tudo". In *Matrizes*, **1**, 2014, p. 45-64.

HEPP, A. *et al*. Mediatization: Theorizing the Interplay between Media, Culture and Society. *In: Media, Culture & Society*, February 18, 2015, p. 1-11.

HJARVARD, S. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

_____. Olhando além do campo: o desenvolvimento da agenda de pesquisa da midiatização. *Matrizes*, 10(1), 2016, p. 89-102.

HOOVER, S. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. In *Comunicação & Sociedade*, 35(2), 2014, pp. 135–153.

KROTZ, F. The Meta-Process of "Mediatization" as a Conceptual Frame. In *Global Media and Communication*, **3**, 2007, p. 256-260.

LUNDBY, K. *Mediatization of Communication*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. Secularización, desencanto y reencanmiento massmediático. In *Diálogos de la Cominicación*, Lima, n. 41, 1995.

MARTINO, L. A mediatização do campo religioso: esboço de uma síntese possível. In:

Comunicação & Informação, **18**(2), 2015, p. 06-21.

MITU, B.; POULAKIDAKOS, S. (eds.). *Media Events: A Critical Contemporary Approach*. London: Palgrave Macmillan, 2016

RADIO VATICANO. Ctv: sequenze memorabili di fine Pontificato. Mons. Viganò: a parlare era il viso del Papa, 4 de Março de 2013. Disponível em: http://it.radiovaticana.va/storico/2013/03/01/ctv%2C_sequenze_memorabili_di_fine_pontificato._mons._vigan%C3%B2_a_parlar/it1-669478. Acesso em 25 de Outubro de 2016.

ROSE, G. *Visual Methodologies. An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. Londres: Sage, 2002.

SCOLARI, C. *La tv después del broadcasting hipertelevision redes y nuevas audiencias,* 15 de Junho de 2013. Disponível em: https://hipermediaciones.com/2013/06/15/la-tv-despues-del-broadcasting-hipertelevision-redes-y-nuevas-audiencias/. Acesso em 20 de Outubro de 2016.

TORRES, E. *A Multidão e a Televisão*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.